

Por que se interessar pelo patrimônio esportivo?

S'intéresser au Patrimoine Sportif ?

Christian Bromberger *

Resumo: O patrimônio esportivo inclui edifícios, arenas de competições esportivas e equipamentos característicos de cada esporte, obras artísticas tendo um esporte por objeto, textos escritos e publicados, arquivos audiovisuais, mas também orais que testemunham as práticas e paixões esportivas. Este patrimônio tão diverso só adquire pleno sentido se os elementos preservados forem situados no seu contexto. Cabe aos museus especializados a tarefa de reunir, salvaguardar e expor esse patrimônio, essencial para compreender a divisão das atividades por gênero, a estratificação social dos gostos, a afirmação das identidades locais, regionais e nacionais (através do fervor despertado pelos grandes jogos), a forma como as nossas sociedades lidam com a violência dos confrontos, os cânones da beleza e do decoro corporal... e os valores cardeais das sociedades modernas (o espírito de competição, entre outros).

Palavras-chave: Patrimônio Esportivo. Esportes. Museus.

Résumé: Le patrimoine sportif regroupe des bâtiments, théâtres des compétitions sportives, et des équipements caractéristiques de chaque discipline, des œuvres artistiques ayant un sport pour objet, des textes écrits et publiés, des archives audiovisuelles mais aussi orales témoignant des pratiques et des passions sportives. Ce patrimoine très divers ne prend tout son sens que si les éléments conservés sont resitués dans leur contexte. C'est à des musées spécialisés que revient la charge de réunir, de sauvegarder et d'exposer ce patrimoine, une clé pour comprendre la division des activités selon les genres, la stratification sociale des goûts, l'affirmation des identités locales, régionales, nationales (à travers la ferveur que suscitent les grands matches), la façon dont nos sociétés gèrent la violence des affrontements, les canons de la beauté et de la bienséance corporelles... et les valeurs cardinales des sociétés modernes (l'esprit de compétition, entre autres).

Mots-clés : Patrimoine Sportif. Sports. Musées.

Abstract: The sporting heritage includes buildings, theaters for sporting competitions, and equipment characteristic of each discipline, artistic works having a sport for object, written and published texts, audiovisual but also oral archives testifying to sporting practices and passions. . This very diverse heritage only takes on its full meaning if the elements preserved are placed in their context. The task of bringing together, safeguarding and exhibiting this heritage falls to specialized museums, a key to understanding the division of activities according to gender, the social stratification of tastes, the affirmation of local and regional identities, national (through the fervor aroused by major matches), the way in which our societies deal with the violence of confrontations, the canons of beauty and bodily decorum ... and the cardinal values of modern societies (the spirit of competition, between other).

Key-words : Sporting Heritage. Sports. Museums.

* Christian Bromberger é professor emérito de antropologia na Universidade de Aix-Marseille; Professor de antropologia na Universidade de Provence, França.

Patrimônio e esporte, eis aqui dois conceitos que, *a priori*, não combinam muito. O patrimônio evoca o que é monumental, polido pelo tempo, evidência da Grande História, é ele que consagra os vestígios e os alicerces de uma identidade nacional ou regional. O esporte é uma atividade recente, que conota o lazer, aquilo que é fútil e efêmero. Poderíamos realmente colocar lado a lado o castelo de Chambord, a camisa de Zidane, o Retábulo de Issenheim e a flâmula de um torcedor? Sabemos que existem alguns estádios, piscinas e hipódromos que são obras de grandes arquitetos (o estádio Gerland em Lyon foi idealizado por Tony Garnier, a piscina Molitor, com seus vitrais “art déco”, construída por Lucien Pollet, o hipódromo de Chantilly...), mas e o restante? As sapatilhas de Roger Bambuck, os shorts de Marie-José Pérec, as chuteiras de Sócrates e de Antoine Griezmann... Ao unir os dois termos, patrimônio e esportivo, não nos arriscamos a cair no “abuso monumental”, estigmatizado por Régis Debray (1999)?

De fato, desde o início dos anos 1980, o conceito de patrimônio evoluiu consideravelmente. Foram associados aos critérios da Grande História e da história da arte os critérios da consciência social, dos costumes, do capital afetivo, da memória compartilhada ou antagonista, que estão atrelados aos vestígios. Os traços vivos e próximos tais como a escola, a estação de trem, a fábrica, a árvore que fica no centro da praça, a fonte, o estádio... são vistos como parte do patrimônio. Atualmente se reconhece *igual* dignidade patrimonial às obras tanto da pequena quanto da grande tradição. A distinção mais útil, para constatar essa evolução e evitar os protestos contra uma extensão abusiva do campo patrimonial¹, é, sem dúvida, aquela proposta por Jean-Claude Duclos (1992: 174) entre “obras” (monumentos que se destacam por suas qualidades estéticas, pinturas, esculturas, mobiliário... expostos em museus de arte) e “documentos” que despertam o interesse das ciências sociais, ainda que essa fronteira seja, por vezes, incerta. Então, no fim desse *aggiornamento*, o que pode ser compreendido como patrimônio esportivo?

- Construções e instalações (estádios, velódromos, hipódromos, autódromos, canchas de bocha, arenas, teleféricos das estações de ski, refúgios para alpinistas etc.), obras notáveis ou simples evidências de uma história de técnicas, de sensibilidades e de admiração. Para que se possa apreciar a condição patrimonial de tais construções e instalações, é possível tomar como base as categorias elaboradas por Régis Debray (1999 b: 30-34). São apresentadas três classes de monumentos: “o monumento-forma”, que “se impõe por suas qualidades intrínsecas, de ordem estética ou decorativa,

¹ Ver por exemplo Marc Guillaume (1980). “Tudo se torna patrimônio, dizia ele: a arquitetura, as cidades, as paisagens, as construções industriais, os equilíbrios ecológicos, os códigos genéticos “.

independentemente de suas funções utilitárias ou do seu valor como evidência”; é o caso, por exemplo, do estádio-velódromo de Marselha em sua versão renovada de 2014; o “monumento-mensagem”, que comemora e é direcionado às gerações futuras; é essa intenção comemorativa que, para Aloïs Riegl (1903), define o monumento; e quais seriam os “monumentos-mensagens” relativos ao patrimônio esportivo? Tomemos como exemplo as estátuas, tais como a de Jean Bouin, campeão do mundo e que morreu pela França em 1914, que figura no átrio do estádio-velódromo de Marselha, ou ainda, o bronze concebido por Adel Abdessemed, que representa Zidane dando uma cabeçada no italiano Materazzi na final da Copa do Mundo de 2006; por fim, o “monumento-traço” “que não apresenta o estatuto de obra original ou estética”, mas “um grande valor de evocação, de emoção ou de restituição”, um lugar de memória: um estádio, um hipódromo local, um dos caminhos da Tour de France...

- As representações incluem: - obras de arte, principalmente pinturas: de Géricault e seus lutadores de boxe a Caillebotte e seus amantes da canoagem, de Degas e suas corridas de cavalo a Nicolas de Staël e seus jogadores de futebol.... O esporte, com seu jogo de movimentos e cores, foi uma fonte singular de inspiração para os pintores (ver Chazaud, 1998); neste registro é necessário mencionar os cartazes que divulgam as marcas e equipamentos ou que anunciam as competições, que são obras de grandes criadores (de Wurbel a Castiglioni) para competições importantes, mas existem também caricaturistas, artistas locais; as esculturas que homenageiam o corpo do atleta, e que são evidência, ainda mais que outras obras, da ideologia representada nessas representações (vem à cabeça as estátuas exibindo seu corpo viril, reunidas no *Foro italico* em Roma, ilustrações perfeita do homem exatamente como queria o fascismo).

- Arquivos audiovisuais: fotografias e filmes que imortalizaram os grandes feitos, os lugares icônicos (*hauts lieux*, no original) e os campeões, inscrevendo-os na memória coletiva (Alain Mimoun com seu “cômico lenço branco amarrado na cabeça” durante a maratona dos Jogos Olímpicos de Melbourne em 1956, a explosão de alegria de Alain Giresse após seu gol contra a Alemanha em 1982, a tragédia de Heysel em 1985, Marselha celebrando seus heróis no *Vieux Port* após a vitória do *Olympique de Marseille* na Liga dos Campeões de 1993, Nelson Mandela vestido com a camisa do capitão do time dos Springboks após sua vitória na copa do mundo de rugby em 1995...).

- Objetos, movimentos emblemáticos do esporte: os aparelhos, os equipamentos dos esportistas (dos shorts às pranchas de windsurf...) captados em sua evolução e excelentes reveladores de inovações técnicas (das varas de bambu àquelas

confeccionadas em fibra de vidro e carbono...); os movimentos que evidenciam a evolução das técnicas do corpo (é só pensar na evolução das técnicas do salto em altura, das posições dos esquiadores); a evolução dos equipamentos, as vestimentas são indicadores preciosos da construção social dos sexos (da roupa de Suzanne Lenglen às peças usadas por Martina Navratilova..., da maneira de montar a cavalo de lado à maneira tradicional). Dentre esses objetos é possível pensar nas taças e nos troféus, nas medalhas, mas também nas camisas das equipes, nas flâmulas e nos tambores dos torcedores...

- Textos impressos e publicados que relatam os feitos e sua preparação, as biografias dos campeões, bem como documentos obscuros e ainda assim indispensáveis para a compreensão da evolução das práticas e do espetáculo: as licenças e os contratos dos jogadores, os cardápios de suas refeições, os tickets de entrada nos estádios, a correspondência dos dirigentes, mesmo os panfletos dos torcedores descontentes, as deliberações dos conselhos municipais atribuindo ou vetando subvenções, os relatórios das assembleias gerais das associações etc.

Contudo o patrimônio não é somente material; ele também é imaterial, se atribuirmos a esse termo seu sentido original e não o sentido ultrajante que lhe foi dado pela UNESCO²; o patrimônio inclui também depoimentos orais, conhecimento e know-how, transmitidos pelos agentes, treinadores e atletas, hinos e slogans entoados nos estádios, um conjunto de documentos que não deixaram traços, nem em pedra, nem em tela, muito menos em filme ou em uma folha de papel, e que devemos coletar e, se possível, registrar.

A extensão do campo do patrimônio esportivo (do grande estádio às figurinhas Panini...) é provavelmente assustadora. Nessa massa de obras e documentos, como fazer uma triagem? Se a proteção dos "monumentos forma" é necessária, se é concebível que os museus coletem memórias dos grandes feitos (em sua função comemorativa), quais obras, grandes ou pequenas, quais testemunhos, materiais e

² Se nos questionarmos sobre o que temos de "imaterial", entre tantas outras, as seguintes práticas são classificadas como imateriais pela UNESCO: Al Sadu, o trabalho de tecelagem tradicional nos Emirados Árabes Unidos; o trabalho de tecelagem do Mosi (rami fino) na região de Hansan; a imprensa chinesa com caracteres móveis em madeira; a técnica danteparas estanques para juncos chineses; a arte tradicional da tecelagem de tapetes provenientes da República do Azerbaijão etc. Esse recorte de objetos e técnicas entre o material e o imaterial parece artificial. Existem expressões materiais da cultura, e não uma cultura material que se opõe a uma cultura imaterial. É preciso conceber objetos e técnicas como misturas inseparáveis de operações sobre a matéria e representações, "tecidos sem costura" (para usar a expressão de Thomas Hughes [1983]) entre o material e o imaterial. Para uma crítica a essa noção de "patrimônio imaterial", ver Bromberger, 2014.

imateriais, selecionar nessas séries ilimitadas? E de acordo com quais critérios? A preservação de objetos patrimoniais só faz sentido se fizer parte de uma "cadeia patrimonial" na qual os monumentos e as evidências sejam restituídos em seu contexto. Como dissociar o estudo ou a visita a um grande estádio dos documentos visuais e sonoros, dos objetos e das representações dos jogadores que ali se destacaram? É apenas dentro de um todo que uma fotografia, um objeto ou um monumento têm algo a nos informar. Devemos ter cuidado com o "todo patrimonial", que rapidamente se torna um fardo insuportável, que não evoca mais nada quando é transmitido de forma imutável, quando as memórias esvanecem.

É necessário reagrupar o patrimônio esportivo (e não monumental, que fique bem claro!) nos museus consagrados ao esporte. Esses estabelecimentos existem; me refiro ao Museu Nacional do Esporte, em Nice, na França, ao Museu Olímpico de Lausanne, na Suíça, ao Museu do Futebol de São Paulo ou ainda aos museus criados a partir da iniciativa dos clubes, como o Museu do FC Barcelona... Esses futuros museus, sejam locais, regionais ou nacionais, deveriam ser concebidos com o mesmo profissionalismo que os museus de arte ou de etnografia e estar situados dentro dos estádios ou próximo a eles, onde se encontram os amantes do esporte, oferecendo material para a reflexão sobre a prática do esporte em questão e sua história singular.

Mas por que, então, valorizar esse patrimônio? O grande sociólogo Norbert Elias (1986: 25) dizia que o esporte é uma das chaves para a compreensão de nossas sociedades. É possível ler, através de seu espelho de ampliação, a representação e a evolução do masculino e do feminino (a partir da distribuição por gênero das atividades e dos espetáculos), a evolução das técnicas de mensuração – espacial e temporal – consubstanciais ao desenvolvimento do esporte, a afirmação das identidades locais, regionais, nacionais (através do fervor que as competições suscitam), a maneira através da qual nossas sociedades administravam e administram a violência dos confrontos entre atletas e as emoções coletivas (entre os espectadores)³, os cânones da beleza e da consciência corporal, as normas da educação (através da posição das funções atribuídas às atividades físicas), a evolução das formas arquitetônicas (dos estádios, dos circuitos...), algumas das quais merecem o desvio turístico, oferecendo visitas guiadas, a estratificação social (por meio da propagação das práticas de acordo com seus meios e suas origens), as formas de sociabilidade, os processos de integração (que são concebidos nos campos ou se fortalecem nas arquibancadas), a teatralização da hierarquia social (que surge na arena), as expressões de poder (vindas do

³ Sobre esse tema, ver Bromberger, 2017

evergetismo dos poderosos)... enfim, os valores cardinais que formam nossas sociedades (o espírito esportivo, o culto à performance, a astúcia, a destreza, a força, o nacionalismo e o bairrismo etc.). Aí estão as razões para se interessar pelo patrimônio esportivo.

Referências

- BROMBERGER, Christian. Le patrimoine immatériel entre ambiguïtés et overdose, *L'Homme*, 2014, pp. 143-151.
- BROMBERGER, Christian. Passions sportives, in (J.-J. Courtine, A. Corbin et G. Vigarello eds), *Histoire des émotions* t. III, Paris, Le Seuil, 2017, pp. 446-459.
- CHAZAUD, P. *Art et football 1860-1960*, Toulaud, Mandala, 1998.
- DEBRAY, R. De l'abus monumental. Entretien avec Anne-Marie Lecoq et Jean-Marie Leniaud, *Les Cahiers de médiologie* 7, 1999^a, pp. 103-114.
- DEBRAY, R. Trace, forme ou message. *Les Cahiers de Médiologie*, 7 (La confusion des monuments). 1999b, pp. 27-46.
- DUCLOS, J.-C. Pour des musées de l'homme et de la société. *Le Débat*, 70, 1992, pp. 174-178.
- ELIAS, Norbert. *Sport et civilisation. La violence maîtrisée*, Paris, Fayard, 1986.
- GUILLAUME, M. *La politique du patrimoine*, Paris, Galilée, 1980.
- HUGHES, T. *Networks of Power. Electrification in Western Societies, 1880-1930*. Baltimore, John Hopkins University Press, 1983.
- RIEGL, Alois., *Le culte moderne des monuments. Sa nature, son origine*, Paris, L'Harmattan, 2004.

Data de recebimento: 26.02.2021

Data de aceite: 16.03.2021